



Deus é liberdade: tópicos de teologia fundamental de inspiração místico-ontológica

God is Freedom: Topics in Fundamental Theology of Mystical-Ontological Inspiration

Fernando Rodrigues ^[a] 

Bragança Paulista, São Paulo, Brasil

^[a] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP

Como citar: RODRIGUES, Fernando. Deus é liberdade: tópicos de teologia fundamental de inspiração místico-ontológica. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2633134, 2026. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2633134>

Resumo

Partindo da tese de que “Deus é liberdade”, este artigo desenvolve uma teologia fundamental de cunho místico-especulativo, em diálogo com a ontologia heideggeriana da transcendência e a mística trinitária de Mestre Eckhart. Argumenta-se que a liberdade, mais do que faculdade subjetiva, é estrutura ontológica de doação: êxtase que funda o ser, a Trindade e a relação. Por meio do método da hermenêutica filosófico-teológica, conceitos como *Gelassenheit*, desapropriação e *bullitio* são reinterpretados como expressões de uma metafísica do dom. O texto propõe uma teologia do êxtase, em que Deus se revela como acontecimento de autodoação e o humano como imagem dessa liberdade receptiva. Num tempo marcado pelo colapso de modelos substancialistas, a proposta aqui ensaiada busca pensar Deus a partir de sua manifestação como dom silencioso, convertendo o pensamento em escuta e a Teologia em itinerário espiritual.

Palavras-chave: *Deus é liberdade. Teologia fundamental. Mística. Ontologia da doação. Trindade.*

^[a] Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2014), com estágio na Albert-Ludwigs Universität Freiburg, Alemanha. Pós-doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, e-mail: fernando.rodrigues@ifsp.edu.br

Abstract

Starting from the thesis that “God is freedom,” this article develops a fundamental theology of mystical-speculative character, in dialogue with Heidegger’s ontology of transcendence and Meister Eckhart’s Trinitarian mysticism. It argues that freedom is not a subjective faculty but an ontological structure of gift: an ecstasy that grounds being, the Trinity, and relationality. Through the method of philosophical-theological hermeneutics, concepts such as Gelassenheit, dispossession, and bullitio are reinterpreted as expressions of a metaphysics of donation. The text proposes a theology of ecstasy, in which God is revealed as an event of self-donation and the human as the image of this receptive freedom. In a time marked by the collapse of substantialist models, this speculative approach seeks to think God from His manifestation as silent gift, transforming thought into listening and theology into a spiritual path.

Keywords: *God is freedom. Fundamental theology. Mysticism. Ontology of gift. Trinity.*

Introdução

Este artigo parte de uma experiência de travessia: o percurso de um filósofo de formação heideggeriana que, ao longo dos anos, encontrou-se cada vez mais capturado pelo chamado da Teologia, especialmente em sua vertente místico-especulativa eckhartiana. Ao lidar, no contexto acadêmico, com a noção de liberdade em Martin Heidegger — entendida como estrutura transcendental do *Dasein* e seu êxtase originário em direção ao ser —, acendeu-se uma intuição que ressoaria mais adiante no campo teológico: e se a liberdade não fosse apenas uma categoria existencial humana, mas o próprio nome de Deus?

Inspirado por essa intuição, este trabalho propõe uma investigação de natureza especulativa, conduzida por meio do método da hermenêutica filosófico-teológica. Tal método busca interpretar os textos de Heidegger e Mestre Eckhart em suas fontes primárias, estabelecendo um diálogo entre a ontologia da transcendência e a mística da geração trinitária. Heidegger é lido aqui a partir de *Sein und Zeit* (1927), dos cursos do período da publicação do *opus magnum*, hoje disponíveis na *Gesamtausgabe*, e dos escritos tardios sobre a *Gelassenheit*, que quer dizer serenidade, desapego, despojamento, desapropriação. Eckhart é abordado principalmente por seus *Sermões alemães* e seus *Sermões latinos*, com atenção especial à articulação entre desapropriação, geração e unidade trinitária.

O confronto entre esses dois autores não pretende reduzir suas diferenças, mas extrair de sua tensão fecunda um horizonte de pensamento teológico. A hipótese central é que liberdade e êxtase não são apenas características do *Dasein*, mas expressões da própria essência divina. Ao colocar essas duas perspectivas em diálogo, o artigo busca delinear tópicos para uma teologia fundamental que compreenda Deus como êxtase originário de liberdade e, em consequência, o ser humano como analogia dessa liberdade — acolhedora, receptiva, desapropriada, cuja expressão máxima é a *Gelassenheit*.

Para tornar mais clara a chave de leitura deste artigo, convém antecipar o sentido em que alguns conceitos centrais são empregados ao longo do texto. Por “êxtase”, compreende-se aqui não uma experiência emocional intensa ou um estado alterado de consciência, mas o estar-fora-de-si ontológico: uma estrutura do ser que se doa, se projeta e se realiza na diferença, sem perder a unidade. “Desapropriação” (*Abgeschiedenheit, Gelassenheit*) designa, nesse contexto, o movimento pelo qual o sujeito se liberta da centralidade do ego para tornar-se lugar de passagem, acolhimento e manifestação do ser ou de Deus (Vitiello, 2001)¹. Já “abertura” (ou “aberturidade”) (*Offenheit; Erschlossenheit*) é entendida como o traço fundamental do *Dasein* enquanto liberdade originária — um deixar-ser que possibilita a emergência do sentido e do próprio mundo. A convergência desses conceitos, enraizados em Heidegger e Eckhart, permite formular uma ontoteologia da liberdade como êxtase receptivo.

A investigação se desenvolve em seis etapas: (1) a liberdade como transcendência no *Dasein* heideggeriano; (2) a geração divina como ato puro de liberdade em Mestre Eckhart; (3) A estrutura trinitária como paradigma da liberdade: a liberdade como êxtase e doação originária; (4) *Gelassenheit* como forma de liberdade: desapropriação e ética da receptividade em Eckhart e Heidegger; (5) implicações para uma mística da liberdade: do êxtase trinitário ao cotidiano; e (6) uma especulação final: Eckhart à luz de Heidegger, Heidegger iluminado por Eckhart.

1. A liberdade como transcendência no *Dasein* heideggeriano

Na filosofia de Martin Heidegger, especialmente em *Sein und Zeit* (1927), a liberdade não se apresenta como um tema autônomo e explicitamente tematizado à maneira moderna — como escolha entre possibilidades ou arbítrio do sujeito —, mas emerge enraizada ontologicamente na estrutura mesma do *Dasein* enquanto ser-no-mundo e poder-ser (*Seinkönnen*). Mais precisamente, a liberdade manifesta-se

¹ Vitiello (2001) enfatiza o tema da *abgeschiedenheit* (desapropriação) como núcleo da mística eckhartiana e ponte conceitual com o pensamento de Heidegger.

como transcendência, ou seja, como o modo próprio de ser do *Dasein*, enquanto abertura originária para o ser — é o que revela o § 69 de *Ser e tempo*. Nesse sentido, liberdade e transcendência são correlatos: o *Dasein* é livre porque é um ser que transcende, e transcende porque é livre para o ser.

[S]er é o transcendente puro e simplesmente. A transcendência do ser do ser-aí é uma assinalada transcendência na medida em que nela residem a possibilidade e a necessidade da mais radical *individuação*. Toda abertura do ser como abertura do *transcendens* é conhecimento *transcendental*. A verdade fenomenológica (abertura do ser) é *veritas transcendentalis* (Heidegger, 2012, p. 128-129, grifos do autor).

Heidegger identifica a transcendência como essência do *Dasein*: não um atributo, mas sua estrutura de ser lançada para o ser. Esse caráter transcendente é o que faz do *Dasein* um *ser-aí*, uma presença aberta. A liberdade, então, não é um atributo subjetivo, o próprio modo de ser do *Dasein* enquanto abertura. É nesse contexto que podemos compreender a afirmação eminente de Heidegger no ensaio *Sobre a essência do fundamento (Vom Wesen des Grundes)*:

apenas a liberdade pode fazer com que o *Dasein* faça vigorar um mundo e deixe o mundo se mundear. [...] A liberdade enquanto transcendência é, por seu turno, não apenas uma ‘espécie’ e fundamento, mas a origem do fundamento enquanto tal. Liberdade é liberdade para o fundamento (Heidegger, 1979, p. 164-165)².

O *Dasein*, enquanto livre, é um ser que “se expropria” em direção ao ser, sem se dissolver, tornando-se ele mesmo neste êxodo. O ser da liberdade não está, portanto, na dominação, mas no deixar-aparecer, no deixar-ser. É justamente nessa direção que se abre a via para a *Gelassenheit*, conceito que adquire relevância nos escritos tardios de Heidegger, especialmente no célebre discurso “*Gelassenheit*” (Heidegger, 1959). Lá, o pensador evoca uma atitude de “desprendimento”, “despojamento” ou — como na tradução mais corrente — “serenidade” (*Gelassenheit*) frente à técnica, mas mais profundamente frente ao próprio ser: “só quando nos entregamos ao que não fazemos, abrimos espaço para que algo como o ser venha ao encontro” (Heidegger, 2000, p. 522)³.

2. A geração divina como ato puro de liberdade em Mestre Eckhart

Se em Heidegger a liberdade é transcendência — um êxtase ontológico que constitui o ser do *Dasein* como abertura ao ser —, Mestre Eckhart, em um registro radicalmente teológico e místico, convida a imaginar que essa liberdade não é apenas uma estrutura antropológica, mas o próprio modo de ser de Deus: “Deus é solto e livre em todas as suas obras e não busca o que é seu” (Eckhart, 2024, p. 67), ou ainda: “só Deus é livre e incriado e por isso só ele é igual a ela [a alma nobre] segundo a liberdade” (Eckhart, 2024, p. 69)⁴. Ora, no interior insondável da Trindade, Deus não apenas possui liberdade: Ele é liberdade em sua forma mais pura e absoluta — um ato eterno de autoadoação⁵, no qual o Pai gera o Filho como imagem perfeita de Si mesmo — e nessa geração, manifesta-se a totalidade da vida divina como êxtase relacional e de plenitude. Como escreve o próprio Eckhart (2024, p. 74):

Deus é tão florescente e verdejante em toda a alegria e em toda a glória, como Ele é em si mesmo. Ali é alegria tão cordial, tão incompreensivelmente grande que ninguém pode relatá-la exaustivamente. Pois, nessa força, o Pai eterno gera sem cessar o seu eterno Filho, de tal modo que ela [essa força] coengendra o Filho do Pai e a si mesma como o mesmo Filho na força unitiva do Pai.

² John Caputo (1986, p. 497) argumenta que a liberdade como fundamento em Heidegger antecipa sua transição de uma ontologia da presença para uma ontologia do *Ereignis* como doação.

³ Para Vitiello (2001, p. 308-309), a *Gelassenheit* é o ponto de contato entre o “deixar-ser” heideggeriano e o êxtase místico eckhartiano como libertação do ego.

⁴ Bernard McGinn (2001) interpreta essa liberdade de Deus como a expressão suprema da autoadoação divina, que não visa nada fora de si mesma e se realiza plenamente no ato de gerar.

⁵ Balthasar (2011) defende que a forma da Trindade é constituída por relações eternas de doação e recepção, em que o ser é idêntico ao êxtase de amor.

O eterno gerar do Filho, ato puro do Pai, é êxtase em Deus e, em última análise, a acontecência própria da liberdade divina. Heidegger já havia intuído que o ser não se possui, mas se dá. Em *Wegmarken* (Heidegger, 1979, p. 164), o filósofo da Floresta Negra afirma: “somente a liberdade pode deixar um mundo viger e devir mundo para o ser-aí. O mundo nunca é, o mundo devém mundo”⁶. Esse devir como doação pode ser radicalizado na teologia trinitária de Eckhart como geração eterna: Deus mesmo é o acontecimento supremo de liberdade. Pois tem-se aqui não uma ação dirigida por necessidade ou finalidade, mas um puro transbordar do ser — um movimento livre que nada retém, que não se orienta por carência, mas por plenitude. O Pai, sendo liberdade, é gerador absoluto; o Filho é essa liberdade recebida em total identidade; o Espírito, o amor livre que une. Nesse contexto, liberdade não é arbitrariedade nem escolha: é transparência plena ao outro na comunhão da identidade⁷. A geração divina é o êxtase originário — não determinado por nada fora de Deus, mas fundado na pura generosidade do ser. Em termos ontológicos e místicos, Deus é um ato perpétuo de liberdade, isto é, de geração, que se gera e se doa eternamente⁸.

2.1 A geração eterna do Filho: a unidade e a distinção trinitária como êxtase de liberdade

A teologia eckhartiana insiste na radicalidade da identidade entre Pai e Filho: não há inferioridade, não há anterioridade, não há hierarquia. Há um *ato puro* no qual o Pai se expressa e se doa inteiramente no Filho, e o Filho o reflete plenamente, sendo em tudo igual, exceto na relação de origem. Essa geração é o próprio nascimento de Deus em Deus, e é nesse nascimento que a liberdade divina se revela com sua máxima pureza⁹. Eckhart ousa ir além dos esquemas escolásticos tradicionais ao afirmar que essa geração é o próprio ser de Deus: Deus é a geração que se dá eternamente, sem ser causada nem determinada. É o que ele chama de um tornar-se de Deus em Deus¹⁰, não por mutação, mas por esplendor absoluto da doação:

[O] Pai gera seu Filho igual a si mesmo na eternidade. ‘A palavra era junto a Deus, e Deus era a Palavra’ (Jo 1,1) – ela era o mesmo, na mesma natureza. A respeito disso digo ainda: Ele gerou-a em minha alma. Não somente ela é junto a Ele e Ele junto a ela como iguais, mas ele é nela [em minha alma]. E o Pai gera seu Filho na alma no mesmo modo como Ele o gera na eternidade e não diversamente. [...] O Pai gera seu Filho sem cessar (Eckhart, 2024, p. 99-100).

A chave para compreender essa geração como liberdade está na ideia de desapropriação (*Abgeschiedenheit*). Para Eckhart, Deus é tão puro que não se prende a nada, nem sequer a si mesmo. Ele é livre porque é desapegado de tudo, até mesmo da imagem de Deus:

o templo, no qual Deus seguindo a sua vontade, quer reinar, é a alma do homem. Deus a formou e criou justamente bem igual a si mesmo, como lemos ter Nosso Senhor dito: ‘façamos o homem segundo nossa imagem e semelhança’. E foi também o que Ele fez. Tão igual a Si fez a alma do homem que, entre todas as esplêndidas criaturas por Ele maravilhosamente criadas, não há, nem no reino do céu nem sobre a terra, nenhuma que se iguale tanto a Ele, a não ser unicamente a alma humana. Por isso Deus quer ter esse templo vazio, a ponto de ali não haver nada mais do que Ele só. Essa é a razão por que esse templo lhe agrada tanto,

⁶ Giusi Strummiello (2002) mostra como tanto em Heidegger quanto em Eckhart a liberdade se articula à estrutura do “devir” como doação.

⁷ Em Jean-Louis Chrétien (2002), a liberdade é pensada como hospitalidade ao outro, um êxtase de acolhimento que se configura como o modo originário do ser em sua disponibilidade.

⁸ Castañeda Vargas (2009) propõe uma leitura em que a doação (Don) é o eixo comum entre Eckhart e Heidegger, fundando uma ontologia do dar como essência da liberdade divina.

⁹ Mestre Eckhart desenvolve esta ideia especialmente nos Sermões Alemães, em que afirma que o Pai gera o Filho no âmago da alma desapegada, sem intervalo nem sucessão, como expressão de um “eterno agora”. Ver McGinn, 2001, p. 60-64.

¹⁰ Sobre o “tornar-se em Deus” como estrutura da realidade trinitária, Eberhard Jüngel (2001) propõe que o ser de Deus não se opõe ao devir, mas se realiza nele como comunhão de pessoas.

já que lhe é justamente tão igual e Ele se sente tão bem aconchegado nesse templo, sempre que nele só Ele se encontra (Eckhart, 2024, p. 65).

Ademais, a analogia entre a geração trinitária e o nascimento de Deus na alma é uma das teses centrais de Eckhart (2024, p. 74): “em verdade, do mesmo abismo, de onde o Pai gera sua palavra eterna, ela também [a Palavra Eterna], em coengendrando, torna-se fecunda”. Essa afirmação ousada mostra o vínculo entre liberdade trinitária e liberdade espiritual. Deus é liberdade porque gera o Filho eternamente, e o seres humanos participam dessa liberdade quando se tornam capazes de receber essa geração em si mesmos.

2.2 Liberdade e Trindade: distinção sem separação e o fundo da alma como lugar de nascimento de Deus

É possível inferir a partir do exposto que a Trindade em Eckhart não é apenas um dogma, mas uma estrutura viva de liberdade. O Pai, o Filho e o Espírito não são três entes, mas três modos de relação numa mesma essência. O Pai é a fonte, o Filho é a imagem, o Espírito é o amor que une. No entanto, nenhum é anterior, nenhum é posterior: todos são movimentos eternos de um único ser em doação sempre nascente. Essa concepção trinitária liberta Deus de toda imagem antropomórfica ou jurídica. Em lugar de um soberano que domina, há um abismo de relação, um jogo eterno de identidade e alteridade, em que a liberdade não é posse, é êxtase — um sair de si sem deixar-se, um acolher o outro em si mesmo sem confundir-lo. Essa é a mais alta forma de liberdade: a liberdade de ser com, em e para o outro, eternamente. Isso significa dizer que a Trindade é a mais pura liberdade, pois nela nada é constrangido, tudo é pura entrega e nascimento eterno.¹¹

Tal distinção sem separação — que afirma a liberdade absoluta do divino em sua própria doação — foi expressa por Eckhart em metáforas vigorosas. Em seus Sermões Latinos (Eckhart, 1986), ele recorre à imagem da *bullitio*¹², que quer dizer “ebulição” ou “fervura”, para descrever a geração do Filho: um transbordamento do fundo divino que, sem deixar de ser uno, se desdobra no Verbo eterno. A *bullitio* não é ação externa, mas fervura que cresce dentro da unidade divina, gerando as Pessoas sem diluir a essência. Isso ecoa fortemente a tese: liberdade como êxtase relacional — sair de si mesmo, gerar o Outro sem dividir-se.

Essa imagem, que se inscreve em uma verdadeira “metafísica do fluxo”, simboliza o êxtase trinitário como liberdade absoluta de um ser que não se fecha em si mesmo, mas se doa sem se dispersar¹³. Ela também reflete, como nota Hunt (2010), o enraizamento de Eckhart na ampla tradição do platonismo cristão e da metafísica neoplatônica do *exitus-reditus* (saída e retorno) que permeia seu pensamento. *Exitus* quer dizer “fluir para fora”, “emanação”, “efluxo”, “derramamento”, enquanto *reditus* quer dizer “fluxo de retorno”, “refluxo”. Eckhart (1986, p. 236) explica: “a imagem [o Verbo/Filho como Imagem do Pai] é uma emanação a partir das profundezas em silêncio, excluindo tudo o que vem de fora. É uma forma de vida, como se você imaginasse algo que incha de si e em si mesmo e, então, entra em ebulição interior sem ‘transbordar’, e ainda assim é compreendido”. Ou, em uma outra passagem: “além disso, Deus enquanto Bem é o princípio da *ebulição que transborda para fora*; enquanto Pessoa, é o princípio da *ebulição interior*, que é causa e modelo do transbordar. Assim, a emanação das Pessoas na Divindade — que é a causa e a imagem originária da criação — é anterior.” (Eckhart, 1986, p. 218, grifo nosso).

Essa imagem da *bullitio* como fervura interior que gera o Filho a partir do fundo da divindade, sem ruptura nem dispersão, permite entrever uma concepção radical da liberdade como êxtase originário. Deus

¹¹ Colin Gunton (1993, p. 163) destaca que a doutrina trinitária rompe com modelos substancialistas e monádicos de divindade, oferecendo uma concepção relacional de ser, na qual “*the being of God is constituted in the relations between the persons*,” o que permite pensar a liberdade como co-pertença, não como isolamento soberano.

¹² “*Bullitio*” quer dizer emanação, pois indica o brotamento da fonte divina enquanto tal e, em sendo assim, dá lugar também à “*ebullitio*”, que é a criação do mundo (Eckhart, 1986, p. 58).

¹³ Bernard McGinn, 2001, p. 71-113, discorre sobre o uso da metáfora *bullitio* na teologia trinitária eckhartiana e sobre a “metafísica do fluxo”.

é livre porque não se encerra em si mesmo: Ele é o próprio transbordamento que permanece uno, a geração do Outro sem perda de identidade. Tal concepção não apenas dissolve os limites entre ser e relação, como também redefine a liberdade como dinâmica de doação ontológica. É precisamente nesse ponto que a aproximação com a ontologia de Heidegger se torna frutífera. Em Heidegger, a liberdade também não é concebida como uma faculdade subjetiva ou poder de escolha, mas como estrutura originária do existir humano: o *Dasein* é livre porque é êxtase — ser-fora-de-si em direção ao ser.

3. A estrutura trinitária como paradigma da liberdade: a liberdade como êxtase e doação originária

Para desenvolver uma teologia fundamental da liberdade divina como êxtase, é necessário compreender a Trindade não como um mistério estático, mas como uma dinâmica extática originária, um acontecimento eterno no qual o ser de Deus se diz em relações de identidade e diferença. O Pai, na linguagem eckhartiana, não é um sujeito que gera um outro, mas é geração enquanto tal — seu ser é doar-se em totalidade: “o Pai gera seu Filho igual a si mesmo na eternidade” (Eckhart, 2024, p. 99). O Filho é esse Outro, nascido eternamente, igual ao Pai em tudo, exceto na origem. O Espírito é o laço entre ambos — um laço que não é terceira coisa, mas comunhão. Aqui se realiza plenamente a nossa tese: Deus é liberdade: uma geração da produção de Si e do Outro como ao mesmo tempo idêntico e diferente.

Essa geração não obedece a nenhum modelo extrínseco. Ela é absolutamente livre, porque absolutamente interna. Em termos filosófico-teológicos, trata-se de um movimento que simultaneamente afirma e nega a identidade. O Pai é o mesmo que o Filho, mas não é o Filho. O Filho é o mesmo que o Pai, mas não é o Pai. Essa alteridade não é externa, mas interna: é diferença na identidade, um conceito que desafia a lógica predicativa e exige um pensamento especulativo do mistério. O Pai gera o Filho em total igualdade, sem qualquer divisão. E, no entanto, o Pai não é o Filho: há distinção na mais alta unidade¹⁴. Essa distinção na unidade é o coração da liberdade divina. Pois, tal como exposto, liberdade é transcendência: ser fora de si, sem perder-se. Em Deus, isso se realiza plenamente. O Pai está fora de si no Filho, e ambos estão fora de si no Espírito, e, no entanto, todos permanecem uno. O êxtase aqui não é ausência de si, mas plenitude do outro no mesmo — uma comunhão cuja estrutura é, por essência, liberdade.

A partir da estrutura trinitária como paradigma da liberdade — onde identidade e diferença coexistem no amor eterno —, torna-se possível retomar, agora sob luz especulativa e heideggeriana, a noção de liberdade como fundamento não apenas da subjetividade, mas também do vínculo relacional humano. Se a liberdade é êxtase, ou seja, uma saída de si que não se perde, mas se afirma na doação, então ela deve ser compreendida não como dissolução de vínculos, mas como sua origem mais própria¹⁵.

Essa perspectiva enriquece profundamente a tese central deste artigo: se Deus é liberdade, então Ele é também a origem de todo vínculo verdadeiro — trinitário, criacional, existencial e antropológico. E se os seres humanos são imagem de Deus, então são chamados a viver essa liberdade não como isolamento soberano, mas como vínculo criador, comunhão que nasce do dom. Nesse horizonte, pode-se compreender a teologia do êxtase como uma ontologia do vínculo gerado pela liberdade, e não em oposição a ela. A liberdade divina, nesse sentido, não é a ausência de necessidade, mas o transbordamento de um vínculo eterno: o Pai se doa ao Filho, o Filho retorna ao Pai, e nesse retorno brota o Espírito — unidade na distinção, distinção na unidade.

¹⁴ Kurt Flasch (2010) interpreta a ontologia trinitária de Eckhart como uma afirmação especulativa da alteridade interior em Deus, sem quebra da unidade — uma teologia da identidade que exige a diferença.

¹⁵ Em diálogo com Barth, Jüngel (2001) afirma que o ser de Deus é evento de doação trinitária, no qual o “tornar-se” de Deus não contradiz seu ser, mas o realiza.

3.1 A teologia do êxtase de Deus como horizonte fundamental: o abandono do domínio e a escuta do ser

Heidegger (1978, p. 25) sugere, no contexto de seus cursos sobre lógica e metafísica, que a liberdade é mais do que condição de possibilidade da existência: ela é a própria origem da capacidade de relação: “somente a liberdade pode ser a origem do vínculo”. Em *Grundbegriffe der Metaphysik*, ele chega a afirmar que o *Dasein*, por ser livre, “transfere ao ente o caráter de vinculação” (*Übertragen von Verbindlichkeit*) (Heidegger, 1983, p. 497). Isso significa que é por sua liberdade que o ser humano é capaz de conceder sentido, medida e critério ao mundo: a liberdade é o solo da verdade, da proposição, da significação. Em termos teológicos, essa ideia permite afirmar que toda relação verdadeira tem origem numa doação que não se impõe, mas que possibilita.

Assim como o *Dasein* funda a possibilidade da vinculação dos entes por seu ser-livre, também Deus — liberdade absoluta — funda a possibilidade mesma do vínculo eterno entre as Pessoas divinas. O Pai vincula-se ao Filho não por carência, mas por doação. O Espírito é a vinculação livre entre ambos, não imposta, mas acolhida¹⁶. Pensar o Deus trinitário a partir dessa ideia é compreender que o vínculo não é um dado extrínseco, mas o próprio modo de ser da liberdade. Essa concepção torna possível compreender que toda comunhão autêntica é fruto da liberdade que se doa — e só se sustenta por ela.

4. *Gelassenheit* como forma de liberdade: desapropriação e ética da receptividade em Eckhart e Heidegger

A noção de *Gelassenheit* — termo que pode ser traduzido como “desapego”, “serenidade” ou “deixar-ser” — é um dos pontos mais fecundos da confluência entre Heidegger e Eckhart. Em ambos, ela designa não um estado psicológico, mas uma disposição fundamental diante do ser ou de Deus. E, sobretudo, uma liberdade outra: não dominadora, mas receptiva; não afirmativa no sentido da vontade, mas no da escuta. Segundo Vincenzo Vitiello (2001), a *Gelassenheit* de Heidegger e a *Abgeschiedenheit* de Eckhart, embora distintas, convergem em uma atitude de abandono ontológico que transcende a oposição entre subjetividade e objetividade¹⁷.

4.1 Em Heidegger: deixar-ser como ato de escuta ontológica

Na conferência *Gelassenheit* (1959), Heidegger propõe que só uma nova atitude existencial pode abrir o ser humano ao ser — atitude que consiste não em fabricar ou controlar, mas em deixar que as coisas sejam o que são: “devemos aprender a deixar os entes serem como são. A isso chamo *Gelassenheit* frente às coisas” (Heidegger, 2000, p. 522). Esse deixar-ser não é passividade, mas a forma mais originária de liberdade, pois rompe com a lógica da técnica (do domínio e da utilidade) e abre um espaço de acolhimento do ser como mistério. Heidegger reconhece aqui a necessidade de uma conversão ontológica — um gesto de retirada que prepara o advento do ser. Trata-se de um êxtase silencioso: liberdade que não prende, mas liberta o outro.

A *Gelassenheit* não é mera renúncia subjetiva, mas o nome de um comportamento fundamental de escuta, onde o *Dasein* deixa-se ser tomado pelo apelo do ser. Heidegger a descreve como “serenidade para com as coisas” (*Gelassenheit zu den Dingen*) e, mais profundamente, como “abertura ao mistério” (*Offenheit für das Geheimnis*) (Heidegger, 2000, p. 524). Isso implica um duplo movimento: deixar de impor um sentido ao mundo e deixar que o ser se diga por si mesmo. Essa escuta ontológica não é discursiva, mas meditativa; não se trata de buscar fundamentos, mas de cultivar uma disponibilidade interior. Como afirma Heidegger

¹⁶ Balthasar (2011) aponta que a liberdade divina se expressa na forma, na doação estética do ser como epifania da glória trinitária.

¹⁷ Vitiello (2001) mostra como Heidegger retoma e ressignifica a *Abgeschiedenheit* de Eckhart em termos fenomenológicos, articulando a serenidade como o abandono necessário ao pensamento do ser.

(2000, p. 525), “a serenidade e a abertura ao mistério nos prometem um novo solo sobre o qual possamos manter-nos e subsistir, e sem perigo, no seio do mundo técnico”.

Nesse contexto, a liberdade deixa de ser compreendida como poder-de-fazer e passa a significar capacidade de acolhimento. Heidegger (1979, p. 193) escreve: “a liberdade é a essência da verdade”, indicando que é apenas na liberdade que o ser pode desvelar-se como tal. Em sua linguagem tardia, essa liberdade assume a forma de uma “espera ativa”, uma paciência pensante. Não se trata de fabricar a revelação, mas de dispor-se a ela, como quem, no silêncio, aguarda que o ser venha ao encontro. Esse novo estilo de pensar, “mais demorado” e “mais demudado” (*andächtigeres Denken*), prepara o caminho para o que Heidegger chamou de “pensamento futuro” — um pensamento não representacional, mas originário, capaz de honrar o mistério do ser. Nesse sentido, *Gelassenheit* é já um início de conversão ontológica, no qual a própria subjetividade se desapropria de si e torna-se espaço aberto para a vinda do Ser.

4.2 Em Eckhart: abandono interior como liberdade pura

Se em Heidegger a *Gelassenheit* é uma escuta ontológica que suspende a vontade de domínio e acolhe o ser como mistério, em Eckhart essa mesma palavra — *Gelassenheit* — aparece como o coração da vida espiritual. A semelhança não é superficial: o uso que Heidegger faz do termo está em profunda dívida com a tradição mística alemã, especialmente com Eckhart, para quem *Gelassenheit* significa deixar ir, deixar Deus agir, ser sem querer possuir-se. Assim, a alma deve deixar Deus ser Deus em si mesma — o que implica um esvaziamento radical de todas as imagens, conceitos e apropriações. Em um dos Sermões, ele afirma:

se o homem deve possuir verdadeiramente a pobreza, deve então estar tão vazio de sua vontade criada como ele era quando <ainda> não era. [...] Um homem pobre é somente aquele que *nada* quer e *nada* deseja. [...] Por isso pedimos a Deus que nos esvaziemos de ‘Deus’ e que aprendamos a verdade e a gozemos eternamente lá onde o supremo anjo, a mosca e a alma são iguais, lá onde eu estava e queria o que eu era e era o que eu queria. Assim, pois, dizemos : se o homem quer ser pobre em vontade, deve querer e desejar tão pouco como queria e desejava quando <ainda> não era. E é *nesse* modo que é pobre o homem que nada *quer*. [...] O homem deve ser tão vazio de seu saber próprio, como o fez quando ele <ainda> não era, de maneira a deixar que Deus opere o que Ele quer, e que o homem esteja vazio. [...] Ao encontrar o homem *assim* pobre, Deus *atua* sua própria obra e o homem *experimenta* assim em Deus (Eckhart, 2024, p. 324-326, grifos do autor).

Ora, a *Gelassenheit* [desapropriação serena] surge do voltar-se para Deus no ser. Não se pode alcançar um ser serenamente desapegado por meio de um simples deixar no agir externo. Isso significa que até mesmo as representações religiosas devem ser abandonadas se bloqueiam a ação direta de Deus na alma. O “homem desapegado” (*der abegescheidene mensch*) é aquele que renunciou a toda forma de apropriação e se entregou totalmente ao puro nascimento de Deus em si¹⁸. Esse nascimento, por sua vez, é um acontecimento eterno, como visto na citação maior acima. Tal como em Heidegger, trata-se de um deixar-ser, mas aqui no sentido mais elevado: Deus, em sua essência, é um deixar-ser radical, um ato puro de liberdade que gera e doa sem reter. E como esse Deus quer nascer na alma humana, é preciso que a alma também se torne um lugar de êxtase — de liberdade ontológica, de identidade e diferença.

Desse modo, a *Gelassenheit* não é uma prática ascética apenas, mas uma estrutura ontológica e teológica. É o modo como o humano, criado à imagem da Trindade, participa do mistério da geração eterna. E assim como em Heidegger a liberdade é a essência da verdade e da transcendência, também em Eckhart

¹⁸ A concepção de liberdade como abandono e desapropriação espiritual em Eckhart também parece ter sido enriquecida por influências femininas de sua época, notadamente das místicas beguinas. A influência de Marguerite Porete é especialmente evidente, sendo quase certo que Eckhart conhecia sua obra *O Espelho das Almas Simples*. Também é provável que ele tenha tido contato com *A Luz Fluente da Divindade*, de Mechthild de Magdeburgo (Hunt, 2010).

a liberdade é o nome de Deus em sua pura atividade interior: uma geração do outro em si mesmo, sem se perder, antes, se afirmando. A alma que se desapropria torna-se, por isso, o lugar do nascimento de Deus: um espaço para a liberdade infinita de ser gerada e gerar¹⁹.

5. Implicações para uma mística da liberdade: do êxtase trinitário ao cotidiano

Se Deus é liberdade — não como possibilidade de escolha, mas como ato absoluto de doação —, então a mística não pode ser compreendida como evasão do real, mas como inserção radical no ritmo mesmo da existência como êxtase. Uma espiritualidade inspirada nessa concepção não busca escapar do mundo, mas viver no mundo segundo a lógica do dom. Trata-se de uma mística da liberdade: não centrada em experiências excepcionais, mas na conformação cotidiana ao modo como Deus é — e Deus é relação, é doação, é liberdade que gera o Outro sem deixar de ser Si.

Essa mística da liberdade — embora o termo “liberdade” em si não desempenhe um papel explícito em Eckhart — propõe uma forma de vida nova: não centrada na eficácia, mas na escuta; não na produção, mas na presença; não na autoafirmação, mas na comunhão²⁰. É a vivência de uma subjetividade reconciliada com a alteridade — com Deus, com os outros, consigo mesma. Trata-se de um Cristianismo ontologicamente radical, em que o seguimento de Cristo não é apenas moral, mas ontológico: configurar-se ao Filho é configurar-se à liberdade de quem tudo recebe e tudo doa.

Nessa perspectiva, o amor torna-se o nome último da liberdade. Pois amar, no horizonte trinitário aqui proposto, é gerar o outro sem perdê-lo, é afirmar a alteridade como comunhão. E nisso, a mística reencontra seu lugar: no coração do mundo, como escuta do ser e resposta ao dom divino. Deus é liberdade — e, portanto, a verdadeira espiritualidade é sempre também libertadora.

6. Uma especulação final: Eckhart à luz de Heidegger, Heidegger iluminado por Eckhart

Resta, por fim, retornar à questão central da aproximação entre Heidegger e Eckhart. Leu-se Eckhart à luz de Heidegger? Ou, inversamente, Heidegger à luz de Eckhart? Talvez a resposta mais fecunda seja: ambos se iluminam mutuamente. Heidegger oferece a linguagem conceitual para articular a ontologia implícita em Eckhart. Ele ajuda a compreender que o desapego pregado por Eckhart não é moralismo ascético, mas estrutura ontológica: é abertura ao ser. Por sua vez, Eckhart dá a Heidegger aquilo que ele mesmo não ousou dizer explicitamente: a liberdade não é apenas transcendência, mas êxtase trinitário. O ser não é apenas evento, mas doação.

A proximidade entre Eckhart e Heidegger não reside numa identidade doutrinal, mas na afinidade entre o despojamento radical da criatura em Eckhart e a *Gelassenheit* de Heidegger como deixar-ser o ser (Strummiello, 2002). Essa afinidade permite vislumbrar uma convergência especulativa: se a essência da divindade é doar-se em liberdade, então tanto o êxtase do *Dasein* quanto a desapropriação mística remetem a uma mesma dinâmica ontológica — a de um ser que se dá, não por necessidade, mas por liberdade.

Essa reciprocidade ilumina o lugar em que o humano se encontra: um tempo de transição entre paradigmas. O colapso das metafísicas substancialistas, a crise do sujeito moderno, o esvaziamento das instituições religiosas, a fragmentação do sentido. Tudo isso exige um novo começo. E esse começo só será

¹⁹ “Para Eckhart, o rompimento (*Durchbruch*) até a Deidade não é um movimento ascendente, mas um movimento descendente, em direção à pobreza (*Abgeschiedenheit*) da alma, onde o eu deve desapegar-se de todas as imagens, nomes e atributos de Deus. Heidegger radicaliza esse movimento esvaziando a própria metafísica, levando o pensamento até a borda do ser, onde o pensar deixa-ser o que se retira” (Caputo, 1986, p. 13).

²⁰ Sanchez (2014) explora a concepção de liberdade em Eckhart como algo que marca não apenas o divino, mas também o humano, na medida em que a alma participa do processo eterno da geração.

verdadeiro se vier do próprio fundo: do ser como liberdade, do Deus que é êxtase. Por isso, o gesto de aproximar Heidegger e Eckhart não é erudito, mas espiritual. É um gesto de escuta, de atenção ao que ainda não foi dito — ou que foi dito apenas em suspiros. É um gesto teológico, no sentido mais forte: uma tentativa de pensar Deus não a partir da lógica da posse, mas da lógica do dom.

A liberdade de Deus, enquanto êxtase doador e inapreensível, escapa a toda redução ontoteológica. Como lembra Schürmann (2022), a linguagem religiosa convencional tende a empregar nomes de Deus — como “bom”, “espírito”, “Tu” — sem reconhecer que cada um desses termos é também um limite. Em seu ensaio “*Le Dieu inconnu*”, Schürmann (2022) propõe que talvez o ser humano só reencontre a verdadeira divindade quando ousar negar esses nomes habituais e se colocar diante do *mistério de sua liberdade*, que se revela não por conceitos, mas por um chamado à adoração silenciosa e entrega amorosa. Tal abordagem converge com a proposta deste artigo, em que a liberdade é pensada não como atributo, mas como evento divino originário, uma doação que excede toda representação.

Conclusão

Este artigo apresenta, sob um viés especulativo, a proposta de uma teologia fundamental de inspiração místico-ontológica fundada na tese de que Deus é liberdade. Essa tese emerge do percurso existencial e intelectual de um filósofo que, ao adentrar nos meandros da ontologia heideggeriana, encontrou-se capturado pela linguagem da teologia mística, especialmente em Mestre Eckhart. O gesto especulativo empreendido aqui consiste em colocar Heidegger e Eckhart em um diálogo interpretativo, conduzido pelo método da hermenêutica filosófico-teológica, a fim de pensar a liberdade não como escolha arbitrária, mas como êxtase originário e estrutura trinitária de autodoação.

Esta especulação não é apenas uma construção conceitual: é um testemunho espiritual. Ao afirmar que “Deus é liberdade”, não se apresenta uma fórmula, mas se arrisca uma escuta. Como escreve Paul Tillich (1951, p. 12), “a teologia fundamental é o esforço para responder à questão última do sentido, à luz da manifestação última”. A liberdade, aqui, aparece como essa manifestação última: o ser de Deus como dom, o ser do humano como acolhimento. Jean-Luc Marion (1982, p. 97) dirá que Deus “não é, mas se doa”. Hans Urs von Balthasar (2011), por sua vez, recorda que a verdade do ser resplandece apenas quando se deixa ver como beleza — e toda beleza é êxtase, liberdade que atrai sem violentar.

Vale ainda notar que a reflexão de Eckhart sobre a Trindade não se desenvolve primordialmente a partir da história da salvação ou dos eventos concretos da vida de Jesus, mas a partir de uma contemplação ontológica do mistério divino em sua mais pura interioridade. O centro de sua visão teológica não está nos atos externos de Deus, mas no que ele chama de *grunt* — o fundo silencioso, absoluto, sem forma e sem distinções, do qual tudo procede e para o qual tudo retorna. É desse abismo de unidade que emerge a Trindade, não como três seres separados, mas como um único Deus que, em sua simplicidade, transborda em relação e doação.

A imagem da *bullitio*, ou fervura interior, expressa esse transbordamento trinitário: não uma criação exterior, mas um nascimento íntimo e eterno, em que o Pai gera o Filho e, com ele, respira o Espírito. Esse processo interno de efusão se derrama no mundo — *ebullitio* —, na criação, na graça e na vida do ser humano. E é precisamente aqui que Eckhart estabelece uma das mais ousadas intuições de sua mística: o fundo da alma e o fundo de Deus não são dois, mas um só. Nesse centro indivisível, onde cessam as distinções e todo nome se cala, há uma identidade radical, um êxtase silencioso onde Deus e o ser humano compartilham uma mesma origem.

Essa união não é absorção, mas liberdade. Pois, para Eckhart, ser livre não é escolher entre alternativas, mas transbordar de si mesmo sem se perder, assim como Deus se doa eternamente sem jamais se alienar. O êxtase da liberdade humana encontra, nesse sentido, sua fonte e sua imagem no êxtase trinitário: sair de si não para dissolver-se, mas para gerar, amar, retornar e vincular-se relacionalmente. A

liberdade, assim compreendida, é o modo mais alto do ser. E o caminho espiritual é, então, um processo de desapropriação, em que a alma se esvazia das imagens de Deus e de si mesma, para que o próprio Deus possa nascer no íntimo. Como dizia o Mestre: “o templo, no qual Deus, seguindo sua vontade, quer poderosamente reinar, é a alma do homem” (Eckhart, 2024, p. 65).

Essa teologia do êxtase — tão radical quanto apofática — desafia não só os modelos clássicos da teologia trinitária, mas também as formas rotineiras de pensar a relação entre Deus e o humano. Ao insistir na indistinção como forma de unidade, Eckhart tensiona os limites do dogma e da linguagem, abrindo espaço para um mistério que não pode ser capturado em conceitos. Mas é justamente por isso que sua voz, atravessando séculos, ainda ressoa como convite: entrar no deserto do fundo divino, onde não há mais o eu nem o tu, mas apenas o Um. E ali, finalmente, ser livre.

Conclui-se, portanto, com a consciência de que esta teologia é também um itinerário. Uma travessia que parte da Filosofia, mergulha na Mística e emerge como contemplação do real. Trata-se de pensar a Deus como liberdade para que, à sua imagem, o ser humano possa reencontrar a liberdade como resposta: uma liberdade que consente em ser amada, e que se deixa gerar no amor. Essa é a esperança que anima este texto: que o pensamento, ao tocar o êxtase, se converta em oração silenciosa.

Referências Bibliográficas

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Gloria: uma estética teológica. I: a percepção da forma*. São Paulo: Paulus, 2011.
- CAPUTO, John D. Meister Eckhart, and the later Heidegger: a mystical ontology of event. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 54, n. 3, p. 487–511, 1986. <https://doi.org/10.1353/hph.2008.0318>.
- CASTAÑEDA VARGAS, José. Ser y don: Eckhart y Heidegger. *POLISEMIA*, n. 7, p. 51–66, ene./jun. 2009. <https://share.google/rLR2v3ha5qqBxOzcz>
- CHRÉTIEN, Jean-Louis. *L'arche de la parole*. Paris: Éditions de Minuit, 1998.
- CHRÉTIEN, Jean-Louis. *L'hospitalité du Nom*. Paris: Éditions de Minuit, 2002.
- ECKHART, Meister. *Teacher and preacher*. Trad. e ed. Bernard McGinn. Nova York: Paulist Press, 1986.
- ECKHART, Mestre. *Sermões alemães*. Tradução e introdução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2024.
- FLASCH, Kurt. *Meister Eckhart: Philosoph des Christentums*. 3. ed. München: C. H. Beck, 2010.
- GERARDO, Roberto. Eckhart y Heidegger: diálogo en la búsqueda de lo sagrado. *Revista Síntesis*, n. 32, p. 87–108, 2018. <https://doi.org/10.11144/Javeriana.uph40-81.ehds>
- GUNTON, Colin E. *The one, the three and the many: God, creation, and the culture of modernity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Einleitung in die Philosophie* (Gesamtausgabe, Bd. 27). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. *Gelassenheit*. Pfullingen: Günther Neske Verlag, 1959.
- HEIDEGGER, Martin. *Grundbegriffe der Metaphysik* (Gesamtausgabe, Bd. 29/30). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983.

HEIDEGGER, Martin. *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz* (Gesamtausgabe, Bd. 26). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges* (Gesamtausgabe, Bd. 16). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Edição bilingue alemão-português. Trad., org. e notas de Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Wegmarken* (Gesamtausgabe, Bd. 9. Veröffentlichte Schriften 1914–1970). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1979.

HUNT, Anne. *The trinity: insights from the mystics*. Collegeville: Liturgical Press, 2010.

JÜNGEL, Eberhard. *God's being is in becoming. The trinitarian being of God in the theology of Karl Barth*. Trad. John Webster. Edinburgh: T&T Clark, 2001.

LOSSKY, Vladimir. *Teologia mística da igreja do oriente*. São Paulo: Paulinas, 1991.

MARION, Jean-Luc. *Dieu sans l'être*. Paris: Fayard, 1982.

McGINN, Bernard. *The mystical thought of Meister Eckhart: the man from whom God hid nothing*. Nova York: Crossroad, 2001.

MORAN, Dermot. 'Let it Be': Heidegger and Eckhart on Gelassenheit. In: FERRARELLO, Susi; HADJIOANNOU, Christos (org.). *The Routledge handbook of phenomenology of mindfulness*. Nova York: Routledge, 2024. p. 231–251.

SÁNCHEZ, André Quero. El hombre, propiedad de la libertad en Eckhart. *Estudios Eclesiásticos*, v. 89, n. 350, p. 445–469, 2014. <https://share.google/eiTDRdrTwLytGvmAk>

SCHÜRMAN, Reiner. Le Dieu inconnu. Trad. Vincent Blanchet. *Les Études Philosophiques*, n. 4, p. 125–132, 2022. DOI:10.3917/leph.224.0127

STRUMMIELLO, Giusi. Got(t)heit – a deidade em Eckhart e Heidegger. *Veritas*, v. 47, n. 3, p. 347–364, 2002. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2002.3.34882>

TILLICH, Paul. *Systematic Theology. Volume I: Reason and Revelation, Being and God*. Chicago: The University of Chicago Press, 1951.

VITIELLO, Vincenzo. «Abgeschiedenheit», «Gelassenheit», «Angst». Tra Eckhart e Heidegger. *Quaestio*, v. 1, n. 1, p. 305–316, 2001. <https://doi.org/10.1484/J.QUAESTIO.2.300645>

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 29.06.2025 / 06.29.2025

Aprovado/Approved: 17.03.2026 / 03.17.2026